

TOTA, Martinho. 2013. *Entre as diferenças: gênero, geração e sexualidades em contexto interétnico*. Rio de Janeiro: Multifoco.

Estevão Rafael Fernandes

Professor

Departamento de Ciências Sociais

Universidade Federal de Rondônia

Doutor em Estudos Comparados sobre as Américas

Universidade de Brasília

E-mail: estevafernandes@gmail.com

O livro de Tota é, sob vários aspectos, um texto desafiador. Não pelo estilo de escrita – fluido, como poucas obras acadêmicas se permitem ser nos dias de hoje – mas pelas possibilidades que as temáticas enfrentadas em suas páginas apontam. A publicação baseia-se em sua tese de doutorado em Antropologia (defendida no Museu Nacional, em 2012), realizada a partir de pesquisas realizadas entre os índios Potiguara da Baía da Traição, no litoral norte-paraibano sobre a intersecção entre gênero, etnicidade e política naquela região. Como aponta o autor, em princípio seu estudo buscava investigar os indígenas homossexuais entre os Potiguara (PB), Fulni-ô (PE) e Xukuru (PE), mas ainda em sua fase embrionária a proposta enfrentou reações por parte de algumas lideranças, preocupadas com a abordagem em torno dessa temática (retomaremos este ponto adiante). Assim, percursos de ordem pessoal e teórica o levaram a desenvolver sua pesquisa sobre a interseccionalidade de gênero, geração, política, família, classe, escolaridade, sexualidade e etnicidade na Baía da Traição.

Desta forma, em seus primeiros capítulos, o texto se debruça sobre os eixos gênero e geração a partir das formas de associativismo potiguara. Fica claro, desde aí, o estilo de escrita característico da obra: Tota apresenta de forma extensa (mas não excessiva) a biografia de seus vários interlocutores, situando suas falas não apenas diante do contexto etnográfico, mas também a partir do etnógrafo. Assim, por exemplo, ao trazer a história de vida das onze mulheres potiguara em seu segundo capítulo, ou dos vários (cerca de trinta) jovens homossexuais apresentados ao longo do texto, o autor também se [re]apresenta ao leitor, reflexivamente, como um homossexual igualmente criado no interior paraibano. Neste sentido, um achado fundamental de Tota foi haver percebido que a

etnicidade não se inseria nos discursos Potiguara sobre sexualidade e gênero: temas como meio ambiente, classe, prostituição, drogas e emprego eram mais acionados pelos jovens indígenas entrevistados do que, necessariamente, o elemento étnico.

Neste sentido, apontam também os quarto e quinto capítulos, a partir dos quais Tota busca compreender as várias redes e percursos biográficos de seus interlocutores. A família e a religião, apontam o autor, aparece mais como elemento disciplinador das sexualidades fora do modelo heteronormado do que, necessariamente, o fator étnico – diferentemente, por exemplo, do que ocorre entre os Tikuna (AM), como indica Tota: lá, ao contrário dos Potiguara, a homossexualidade se contrapõe a uma “pureza cultural originária”, sendo associada à uma perda cultural advinda do contato interétnico.

Em seu sexto capítulo, o livro retoma a questão “onde e como etnicidade e sexualidade se interseccionam”? Neste ponto do texto Tota traça algumas considerações importantes, tais como expor a especificidade dos índios do Nordeste na etnologia brasileira, bem como traçar um levantamento histórico de como gênero e sexualidade indígenas foram de encontro, muitas vezes, a modelos hegemônicos impostos pela colonização.

As conclusões de Tota vão no sentido de compreender porque o elemento étnico não aparecia nos discursos sobre homossexualidade, acionados por seus interlocutores. Para ele, a etnicidade e sexualidade não poderiam ser compreendidas de forma unívoca, sendo manipulada, obscurecida ou renunciada pelos atores que poderiam, ou não, enfatizar outros aspectos de sua identidade. Ser índio era apenas uma das opções postas diante de um campo de possibilidades mais amplo no tocante a raça, religião, classe etária, entre outras.

O livro e suas problemáticas apontam, direta ou indiretamente, para alguns pontos que ultrapassam os limites do próprio texto, apresentado ao leitor. Um deles, como indica Tota, diz respeito a como os próprios movimentos indígenas lidam com regimes de existência que não se enquadram na imagem arquetípica do “índio hiper-real”, usando-se a expressão cunhada por Alcida Ramos (1995), para referir-se a imagem típico-ideal de um “índio ideal” moldada por organizações para mobilizar esforços e angariar recursos. Neste sentido, a questão “índios do nordeste” se enquadra tanto no trabalho específico analisado aqui, quanto em pesquisas relacionadas a indígenas homossexuais naquela região do Brasil – como os trabalhos de Paulo de Tássio Silva (2012), entre os Pataxó (BA), de Verônica Guerra (2013) e de Silvana Nascimento (2014), também na Paraíba. O que este conjunto de autores aponta é a existência de uma tensão entre discursos que buscam mobilizar em torno de si uma imagem idealizada de indígena e aqueles, a partir dos quais etnicidade é mais uma categoria a ser articulada, juntamente com gênero, sexualidade, família, religião, etc. Neste sentido, a homossexualidade deixa de se enquadrar tanto no que se espera de um “índio” (idealmente viril e guerreiro), passando a ser percebido como perda cultural, ou sintoma do contato interétnico. Tal perspectiva esbarra, entretanto, em relatos como os do cartógrafo neerlandês Elias Herckman, que, em 1639, aponta como origem para o nome do rio Tibery (na região em que Tota realizou sua pesquisa) a palavra *Tibira*, relacionada pelos Tupinambá a práticas homossexuais.

Se houvesse uma ressalva a ser feita, esta seria no tocante a um movimento que o autor ensaia mas, possivelmente dada a multiplicidade de questões geradas pelas interseccionalidades que constrói ao longo de sua argumentação, não chega a desenvolver de modo mais aprofundado. Trata-se, justamente, das perspectivas analíticas abertas ao se indigenizar as perspectivas *queer*.

Tota, como bem demonstra, se articula de forma bastante madura quando traz aspectos das teorias *queer* ao seu texto, mas não demonstra a mesma desenvoltura ao recuperar a literatura mais específica sobre contato interétnico, etnogêneses e identidade. Isso faz com que seu texto não consiga uma articulação mais profunda entre essas perspectivas, privando seu leitor de um experimento analítico que engrandeceria, ainda mais, seu livro, mas sobretudo alargaria os horizontes tanto dos estudos sobre sexualidade quanto os etnológicos, no país. Textos produzidos na última década – como Horswell (2005), Driskill, Finley, Gilley & Morgensen (2011) e Rifkin (2011), por exemplo – tem demonstrado como as teorias *queer* possuem potencial para desestabilizar perspectivas bastante consolidadas nos estudos históricos sobre povos indígenas, recuperando aspectos até então obscurecidos ao longo dos processos de colonização¹.

Neste sentido, as teorias *queer*, quando indigenizadas – o que inclui, além da inclusão de autores consagrados nos estudos etnológicos, também críticas nativas, como as recentemente feitas por pensadoras indígenas brasileiras como Josi Tikuna e Ysani Kalapalo – podem, potencialmente, fornecer uma crítica poderosa à história consolidada das políticas indigenistas no país, das ideologias que as motivaram e consolidaram, bem como da própria formação dos movimentos indígenas no Brasil. Parece pouco provável compreender a heteronormatização compulsória dos povos indígenas no país sem levar em conta tais ponderações, e o diálogo com tais perspectivas certamente traria novas questões e reformularia algumas das antigas.

Evidentemente que a complexidade de tais questões ultrapassa os limites de uma resenha, mas resta deixar claro aqui os diversos desdobramentos desta problemática. Uma delas diz respeito ao espaço que, eventualmente, a agenda de movimentos indígenas dispõe para demandas como gênero, sexualidade e juventude, transcendendo temas tradicionalmente pautados, como tutela, território e meio-ambiente, por exemplo. Além disso, se entre os anos 1970 e 1990 a igreja católica (sobretudo a partir da ação do Conselho Indigenista Missionário, CIMI) foi um ator de destaque no cenário indígena, cada vez mais a influência de igrejas evangélicas (especialmente neopentecostais) tem se feito sentir nas áreas indígenas. Neste sentido – e o livro de Tota demonstra isso claramente – também tem havido um recrudescimento de discursos de cunho conservador e preconceituoso em relação a sexualidade nas aldeias. De que modo, por exemplo, tais transformações se fazem sentir pelos próprios indígenas, homossexuais, ou não? São questões que valem a pena ser aprofundadas em pesquisas futuras, e “Entre as diferenças” parece ser um excelente ponto de partida.

Referências

DRISKILL, Qwo-Li; FINLEY, Chris; GILLEY, Brian; MORGENSEN, Scott. 2011. *Queer indigenous studies: critical interventions in theory, politics, and literature*. Tucson: The University of Arizona Press.

FERNANDES, Estevão R. 2015. *Decolonizando sexualidades: enquadramentos coloniais e homossexualidade indígena no Brasil e nos Estados Unidos*. Tese de Doutorado em Estudos Comparados sobre as Américas, CEPPAC, Universidade de Brasília.

¹ Para uma síntese desses posicionamentos, cf. Fernandes (2015).

188 | TOTA, Martinho. 2013. Entre as diferenças: gênero, geração e sexualidades em contexto interétnico. Rio de Janeiro: Multifoco.

GUERRA, Verônica A. 2013. “Despeitadas’: travestis, da aldeia indígena para o mundo”. In: *Anais da IV Reunião Equatorial de Antropologia/XVIII Reuião de Antropólogos do Norte e Nordeste*, Fortaleza. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Culturas corporais, sexualidades e reconhecimentos: novas moralidades em debates.

HERCKMAN, Elias. 1886 [1639]. “Descrição geral da Capitania da Parahyba”. *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, 5(31):239-288.

HORSWELL, Michael J. 2005. *Decolonizing the sodomite: queer tropes of sexuality in colonial Andean culture*. Austin: University of Texas Press.

NASCIMENTO, Silvana de S. 2014. “Variações do feminino: circuitos do universo trans na Paraíba”. *Revista de Antropologia*, 57:376-411.

RAMOS, Alcida R. 1995. “O índio hiper-real”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 28(10):5-14.

RIFKIN, Mark. 2011. *When did Indians become straight? Kinship, the history, and Native Sovereignty*. Oxford: University Press.

SILVA, Paulo T. B. 2012. “Há lugar para a homossexualidade num regime de índio?”. In: *Anais do VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura – ABEH*, Salvador.

Recebido em Setembro 29, 2015

Aceito em Dezembro 19, 2015